

Esteban Levin

A FUNÇÃO DO FILHO

Espelhos e labirintos da infância

Tradução de Ricardo Rosenbusch



EDITORA
VOZES

Petrópolis
2001

Apresentação

Quando encerrei a leitura, prazerosa e cativante, deste livro que você – caro futuro leitor – tem agora em suas mãos, fui surpreendido pela seguinte idéia: “pois é, Esteban Levin sabe abrir a porta para as crianças irem brincar”.

Quem usufruiu do tempo da infância na Argentina – como foi o caso do colega Levin e eu mesmo – deve lembrar da cantiga típica das rodas infantis, aquela intitulada *Arroz con Leche* – (Arroz doce). Nela, as crianças cantam à espera de virem a se casar com uma tal senhorita de São Nicolás, que saberia fazer isto, aquilo... enfim, que saberia “...abrir a porta para irmos brincar”.

A criança gasta o tempo brincando, e assim, aos poucos, passa a conquistar uma infância no momento em que paradoxalmente a perde. A infância não é – como raciocinam a maioria das psicologias – uma fase de desenvolvimento. Ela é puro tempo recalçado, é história reconstruída sempre, uma e outra vez no *a posteriori*, no só depois, ou seja, quando deixamos de participar das rodas infantis ou, se preferirmos, quando deixamos de esperar por alguém que supostamente saiba abrir a porta para irmos brincar. É nesse tempo de preparação para *virmos a ser* – que de fato nunca chega –, que a criança ao brincar interroga e bisbilhota o mundo adul-

to, na tentativa de fabricar um saber sobre o desejo que anima os mais velhos. Nessa tentativa, interpela os adultos que supõe serem mestres sabedores na ordem do desejo. No entanto, como a criança logo vem a saber que os adultos de fato não sabem, embora ainda teime em lhes supor esse saber, então passa a demandar a eles que também façam de conta que sabem, ou seja, que lhe abram a porta para ir brincar... E, assim, brincando poder vir a se perder quando se encontra sendo outra, ou vir a se reencontrar naquilo mesmo que não é mais, por ter-se perdido aí onde era sem o saber... Em suma, toda criança espera que lhe abramos essa porta que justamente Esteban Levin abre na clínica às crianças com problemas de desenvolvimento e que não é outra que aquela mesma que se abre diante de nossos narizes quando viramos a capa deste livro: aquela porta que se abre aos espelhos e labirintos da infância.

Quando uma criança nasce, a sua função como filho é fazer lembrar seus pais da infância recalçada. Estes esperam que seus filhos os reconduzam por miragens e labirintos que encerram para si aquilo supostamente perdido nos tempos de outrora. A criança, por sua vez, espera que sejam os pais que lhe tornem o mundo presente. Nesse encontro de tempos, o desencontro se instala sob a forma do “futuro anterior”, motor do brincar, da infância como tempo perdido, da infância que faz histórias, do desejo que nos lança ao mundo como adultos, ou seja, como *sujeitos faltos-em-ser*, lançados a nos dizer, uma e outra vez, sempre outros, no campo da palavra e da linguagem, na tentativa de falarmos em *nome próprio*.

No entanto, não poucas vezes a natureza, o azar, uma síndrome, um acidente... ou, às vezes, simplesmente, essa marca entalada no real, que é o sexo biológico, mal surpreendem certos adultos. É como se, subitamente, o véu que cobre a morte – ou o nada que todo labirinto encobre – caísse diante de seus narizes. Como sabemos, assim paralisados

como pais, tornam o usufruto do tempo da infância de difícil acontecimento ou, se preferirmos, diminuem as chances de que seu filho atravesse, como Alice, pelos espelhos desse maravilhoso país chamado desejo. Em suma, pais paralisados na sua função podem, a despeito da boa vontade em contrário, vir a trilhar destinos funestos como o autismo, as psicoses ou a debilidade mental.

Cabe aos colegas que fazem da intervenção clínica e educativa na infância com problemas uma profissão dar sustentação às funções materna e paterna aí onde o deflacionamento delas fecha, no lugar de abrir portas ou percursos possíveis e sempre outros. Porém, não são todos a se aventurarem nessa direção. Como sabemos, não poucas teorias psicológicas, bem como supostas certezas neurológicas de plantão, fazem da *recusa* da infância, do desejo, seu ofício.

Ora, embora a psicanálise, cujo pai foi Sigmund Freud, faça da rememoração da infância, sempre suposta, seu brinquedo predileto, tampouco garante a quem diz professá-la poder abrir para as crianças com graves problemas de desenvolvimento a porta para irem brincar. Esse talvez seja o desafio por excelência dos que nos debruçamos sobre a infância, ou seja, o de poder esquecermos da teoria previamente conhecida, para assim não virmos a nos endereçar a uma criança como especialistas.

Por sinal, talvez esse seja o dom que Esteban Levin sabe encenar.

Campinas, inverno de 2001

Leandro de Lajonquière